

PERCEPÇÃO DE INSETOS POR MORADORES DA COMUNIDADE OLHOS D'ÁGUA, MUNICÍPIO DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU, BAHIA, BRASIL

Thiala Fernandes da Paz Silva & Eraldo Medeiros Costa Neto

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, CEP 44031-460, Feira de Santana - Bahia, Brasil. E-mail: eraldont@uefs.br

Percepción de los insectos por los habitantes de la comunidad Olhos d'Água, municipio de Cabaceiras do Paraguaçu, Bahía, Brasil

Resumen: Se observan los aspectos afectivos de la interacción de los habitantes del poblado de Olhos d'Água con los insectos a través de cinco puntos que están directamente asociados con la afectividad: la percepción y formación del dominio etnozoológico "insecto"; los daños a la salud causados por esos animales; los tipos de plagas que atacan los cultivos locales; la interpretación atribuida al aspecto y/o comportamiento de determinados tipos de insectos; y el uso de insectos en actividades lúdicas.

Palabras clave: Etnoentomología, percepción, insectos, conocimiento tradicional, Brasil.

Perception of insects by the inhabitants of Olhos d'Água county, municipality of Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia, Brazil

Abstract: The article deals with the affective aspects of the interaction between the inhabitants of the Olhos d'Água county and insects by observing five points that are directly associated with affections: the perception and construction of the "insect" ethnozoolological dominion; the negative impacts of these animals upon human health; the pests of the local crops; the interpretation attributed to the appearance and/or behavior of certain kinds of insects; and the use of insects as toys.

Key words: Ethnoentomology, perception, insects, traditional knowledge, Brazil.

Introdução

Se considerarmos a definição acadêmica, os insetos são animais do filo Arthropoda que apresentam corpo segmentado em cabeça, tórax e abdome e três pares de pernas. Ao longo de milhares de anos de evolução, esses organismos desenvolveram uma extraordinária capacidade adaptativa em quase todos os tipos de ecossistemas terrestres, exceto os mares (Borror & DeLong, 1969). Cerca de 750 mil espécies vivas de insetos já foram descritas pela ciência, mas as estimativas chegam a supor um número de 30 milhões de espécies (Erwin, 1997). De acordo com o autor, os insetos provavelmente constituem 75% da vida animal na Terra.

Diferentemente do conceito acadêmico, o senso comum julga os insetos como organismos nojentos, perigosos, repugnantes e inúteis. Em diferentes contextos sócio-culturais, o termo "inseto" é empregado como uma categoria taxonômica ampla que reúne animais não sistematicamente relacionados, além dos próprios insetos da categoria lineana (Costa Neto, 1997, 1999, 2000a; Costa Neto & Carvalho, 2000). A construção do domínio etnozoológico "Inseto" foi explicada através da hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, repugnância, medo e menosprezo aos animais associados com o grupo "Inseto" determinado culturalmente (Costa Neto, 1999, 2000a). A idéia de ambivalência é empregada no sentido da sociologia, que se refere à atitude que oscila entre valores diversos e, às vezes, antagônicos. A projeção resulta do processo psicológico pelo qual um indivíduo atribui a um outro ser ou objeto os motivos de seus próprios conflitos.

É sabido que desde os primórdios da humanidade os insetos participam significativa e insistentemente da vida sócio-cultural da maioria dos grupos étnicos. De um ponto de vista antropocêntrico, os impactos sociológicos que os insetos exerceram e continuar a exercer podem ser observados em diferentes setores da vida humana: literatura oral e escrita, alimentação, medicina, artes plásticas e gráficas, religião, mitologia, artes recreativas (música, dança, teatro, cinema etc.), erotismo, economia etc. (Southwood, 1977; Posey, 1987; Lenko & Papavero, 1996; Costa Neto, 2002).

O modo como os seres humanos percebem, identificam, categorizam e classificam o mundo natural influencia no modo como eles pensam, atuam e expressam emoções com relação aos animais. Embora os atos de sentir, conhecer e interagir ocorram de modo imbricado, o presente artigo aborda a dimensão afetiva da interação dos seres humanos com a entomofauna, uma vez que o fator emocional é quem direciona a percepção e a quantidade de informações disponíveis sobre determinado objeto (Anderson, 1996).

Neste sentido, o artigo registra a interação que os moradores do povoado de Olhos d'Água mantêm com os insetos com os quais convivem, observando cinco pontos que estão diretamente associados com a afetividade: a percepção e formação do domínio etnozoológico "inseto"; os danos à saúde causados por esses animais; os tipos de pragas que ocorrem nos cultivos locais; a interpretação atribuída ao aparecimento e/ou comportamento de determinados tipos de insetos; e o envolvimento de insetos nas atividades lúdicas.

Metodologia

Área de estudo

O povoado de Olhos d'Água pertence ao município de Cabaceiras do Paraguaçu, o qual se localiza na região econômica do Recôncavo Sul, no estado da Bahia (Brasil), nas coordenadas 12°32'S e 39°11'W (Centro de Estatística e Informações, 1994).

A região encontra-se totalmente inserida no Polígono das secas, apresentando uma temperatura média anual de 24,3°C e clima seco a subúmido. O período chuvoso vai de maio a julho. Os tipos de vegetação local permitem dois ambientes: caatinga e zona da mata. Os principais rios do município são: Córrego do Mocambo, Capivari e Paraguaçu.

O solo de massapé e os tabuleiros definiram a agricultura como a principal fonte de renda local, com uma diversidade de cultivos, principalmente o fumo (*Nicotiana tabacum*) e o milho (*Zea mays*).

A população possui formação étnica de descendência branca e negra, alcançando aproximadamente 15.600 habitantes segundo dados do censo de 2000. A maior parte da população reside na zona rural: cerca de 12.300 indivíduos (Bahia, 2004).

Trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado pelo primeiro autor nos meses de outubro de 2003 e fevereiro e março de 2004. Os dados foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas levadas a cabo com seis mulheres e três homens, cujas idades variaram de 17 a 83 anos. Todos os indivíduos entrevistados desenvolvem ou já desenvolveram atividade agrícola de subsistência. Os objetivos do trabalho eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, deixando os indivíduos com livre escolha para participarem ou não da pesquisa.

As entrevistas individuais tiveram uma duração média de 30 minutos e foram realizadas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a indivíduos diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida ao mesmo indivíduo em tempos bem distintos. Os entrevistados eram perguntados sobre como percebiam e definiam os insetos, os tipos de insetos que conheciam, se eles lhes causavam transtornos, os tipos que consideravam pragas e aspectos gerais da biologia desses animais. Como os entrevistados não se mostraram muito à vontade com o uso de mini-gravador, a maioria das informações era anotada no momento da entrevista.

Testes projetivos foram realizados com a apresentação de nove fotografias de diferentes insetos e/ou suas fases de vida (p. ex., pupa, ninfa, adulto) com o objetivo de registrar a percepção e o conhecimento dos entrevistados sobre o que estavam vendo. As fotografias apresentadas foram as seguintes: marimbondo (*Polybia paulista*); pupa de uma borboleta Nymphalidae; borboleta (Lepidoptera); jitarabóia (*Fulgora laternaria*); ninfas de gafanhotos da família Acrididae; besouro (Dynastinae); serra-pau (Cerambycidae); pupa de uma mariposa Sphingidae; e bicho-pau (Phasmida). Todas as fotografias pertencem ao segundo autor.

Paralelamente, fotocópias de quatro figuras esquemáticas de insetos (mosca, cigarra, percevejo e bicho-pau), extraídas de Revel (1990), foram mostradas aos informantes com o objetivo de registrar a topografia corporal dos insetos. As fotocópias preenchidas com os nomes das partes corporais, as transcrições das entrevistas e as fotografias estão guardadas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

No campo, alguns espécimes foram coletados pelos próprios informantes e encaminhados ao Laboratório de Etnobiologia para identificação taxonômica. Eles foram processados conforme os padrões usuais de coleções para museus.

Os dados foram analisados qualitativamente segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Marques, 1991). Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas.

Resultados e Discussão

A construção cultural do domínio “inseto”

Aparentemente, os indivíduos entrevistados utilizam o termo “inseto” para se referirem àqueles animais que perjudicam os cultivos e para identificar qualquer animal que denota sentimentos de nojo, medo, aversão e perigo em potencial. Tal modo de perceber os “insetos” fica evidente nas frases abaixo:

É coisa ruim porque nos ofende (Dona C., 60 anos).

São bichos pequenos que se alimentam de folhas das plantas (C., 17 anos).

É tudo aquilo que causa transtorno, atrapalha as pessoas (Seu J. N., 36 anos).

É coisa ruim que não tem valor (Dona A., 83 anos).

Inseto não é bom. Ele atrapalha e estraga a plantação (Dona A., 74 anos).

Como esperado, os indivíduos identificaram diferentes animais como sendo “insetos”, reunindo-os no mesmo rótulo lingüístico. Os animais explicitamente citados como “insetos” foram: lagarta, paquinha, borboleta, barata, mosquito, gafanhoto, lagartixa, maribondo, escorpião, sapo, calango, grilo, cobra, piolho-de-cobra, pulga, piolho, mosca, vut-vut, rato e papa-vento. Os entrevistados se referiram a alguns desses “insetos” nos seguintes termos:

É um inseto imundo (referindo-se à mosca). *Onde senta solta sujeira. É muito perturbada* (Dona C., 60 anos).

Tem os ratos, que são insetos que roem muita coisa, comem milho e atacam as gaiolas para comer o milho do passarinho. Esse é o rato calunga (Dona M. J., 53 anos).

Barata é um bicho nojento (Dona M. J., 53 anos).

Lagartixa, [...] é nojenta, suja tudo. E aparece mais à noite (J., 18 anos).

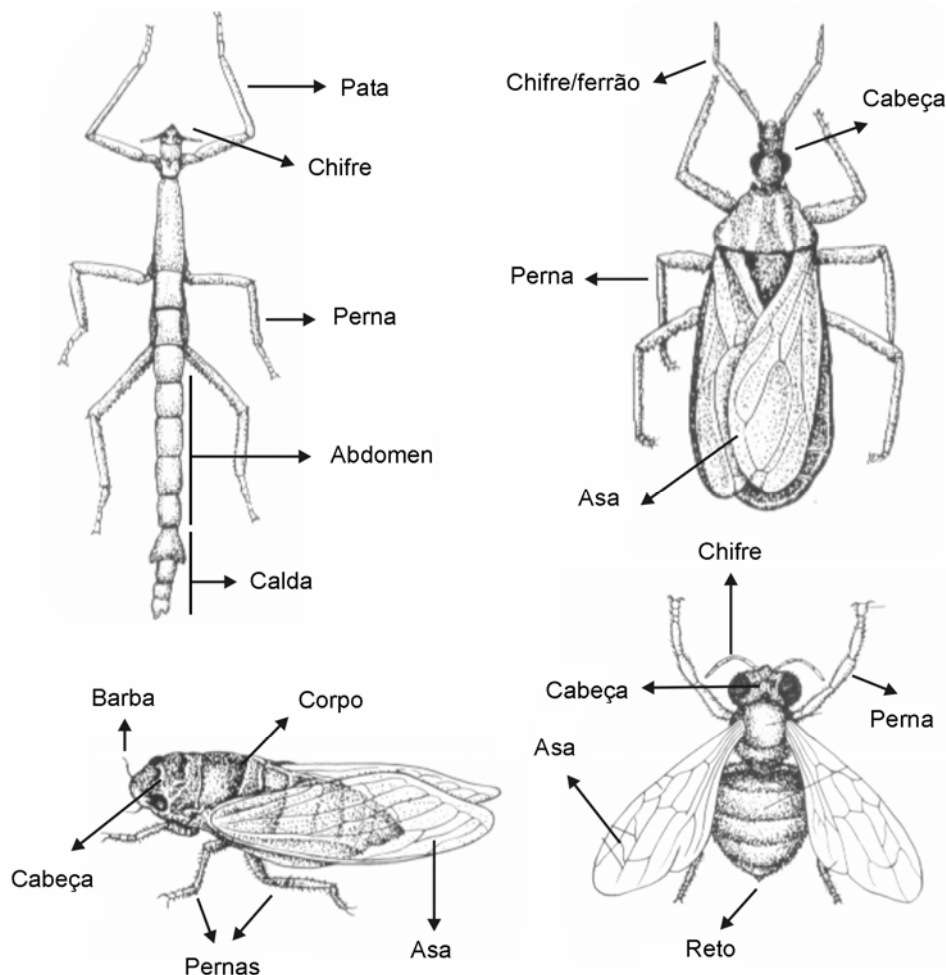
Muriçoca, elas atacam as pessoas, chupa o sangue. Detesto elas! (Seu J. N., 36 anos).

Sapo é inseto limpo e podre ao mesmo tempo (Dona C., 60 anos).

As borboletas são muito bonitas, mas põem ovos que dão as lagartas que estragam a plantação (Dona A., 83 anos).

Animais que eram esperados ser identificados como “insetos”, como o lava-cu (Odonata) e o camaleão (Iguanidae),

Fig. 1. Topografia corporal de um bicho-pau, de um barbeiro, de uma cigarra e de uma mosca, de acordo com os termos apontados pelos moradores entrevistados. Desenhos extraídos de Revel (1990).



aparentemente foram excluídos do domínio. Na opinião de uma moradora, o primeiro não é “inseto” *porque não morde* e o segundo *porque se come, então não é inseto* (Dona A., 83 anos). Segundo essa mesma moradora, *cobra é inseto dos grandes, pois morde e põe ovos como a lagartixa*. Outra moradora, porém, não considerou as cobras como “insetos” (Dona A., 74 anos).

A ambivalência da percepção que os indivíduos apresentam sobre os “insetos” pode ser observada nas seguintes frases: *Tem uns que são bons e outros são ruins; mordem e causam doença* (J., 18 anos); *O sapo como insetos, lagartas. Ele vive na água. Esse é um inseto bom* (J., 18 anos).

As atitudes ambíguas da relação do ser humano com os insetos podem ser explicadas com a hipótese da biofilia de Wilson (1993), que a descreveu como “uma necessidade humana inata (portanto, genética) para contato com uma diversidade de formas de vida”. De acordo com essa hipótese, os seres humanos são mamíferos complexos que procuram variedade e novos estímulos no contexto do mundo biológico, pois algum contato regular com a natureza é essencial para a saúde mental e bem-estar dos seres humanos (Gowdy, 1999). Esse contato pode estar carregado de emoções tanto positivas quanto negativas (Kudo & Macer, 1999), daí a ambivalência de percepções e de reações diante da imagem real ou imaginária de animais incluídos no rol dos “insetos”.

Em anos recentes e especialmente nas culturas ocidentais, as interações negativas se intensificaram. Como

Hoyt & Schultz (1999) registram, ao se tornarem progressivamente estranhos ao mundo natural, os seres humanos perderam a habilidade de distinguir um inseto do outro e, como resultado, as atitudes negativas foram generalizadas para quase todos os insetos. Tal fato é aproveitado pelas indústrias produtoras de praguicidas, que lançam suas campanhas no sentido de combater, indiscriminadamente e cada vez em maior número, esses organismos (Ramos-Elorduy, 1994). A “cultura do inseticida” é refletida nos artigos de revistas e em várias outras formas de cultura popular. A própria indústria cinematográfica corrobora essa atitude, pois os filmes raramente projetam imagens positivas dos artrópodes. Ao contrário, eles exploram imagens sinistras de perigo ou morte, imagens chocantes que provocam medo e pavor e também imagens caricaturais (antropomorfizadas) para ridicularização (Mertins, 1986).

Com relação ao modo como os entrevistados denominaram as partes externas de quatro tipos de insetos (Fig. 1), observa-se que antenas são chamadas de chifres, ferrões ou barbas; pernas também podem ser chamadas de patas; o abdome pode ser rotulado de reto, sendo a porção final às vezes denominada de calda. Em estudos de etnotaxonomia, tanto a percepção morfológica quanto a identificação da topografia corporal dos animais são critérios importantes na delimitação dos limites semânticos das etnocategorias zoológicas (Berlin, 1992). Este autor diz que a concepção morfológica é importante para a caracterização tanto dos táxons subterminais (etnogêneros) quanto dos táxons terminais (etnoespécies).

Tabela I. “Insetos” que passam por transformações biológicas, segundo a visão dos moradores do povoado Olhos d’Água, Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia.

“Inseto”	Pista taxonômica	Observação dos entrevistados
Aratanha	Crustacea	<i>Ela vem do ovo da borboleta</i> (Dona A., 83 anos).
Baleia	Hymenoptera	<i>Eu acho que ela é um outro bicho que encanta e vira a lagarta-do-chão. Pode vir de uma mosca ou abelha que fica fazendo barulho no chão</i> (Dona M. J., 53 anos).
Formiga-raspadeira	<i>Atta</i> spp.	<i>São as formigas que viram as tanajuras. [...] Isso acontece quando tem trovoada</i> (Dona M. J., 53 anos).
Graveto, garrancheiro ou louva-a-deus	Phasmida	<i>Antigamente dizia que virava cobra</i> (Dona M. J., 53 anos).
Lagarta	Lepidoptera	<i>A lagarta é gerada da própria plantação [...] (Seu J. N., 36 anos). Lagartas multiplicam-se através de ovos</i> ().
Mosca	<i>Musca domestica</i>	<i>Nasce das próprias folhas</i> (Dona C., 60 anos)
Piolho	<i>Pediculus humanus capitis</i>	<i>Um bicho que vive na cabeça do povo e brota da cabeça mesmo, da sujeira</i> (Dona C., 60 anos).
Piolho-de-cobra	Diplopoda	Uma entrevistada disse que provavelmente ele tenha origem a partir de ovos de cobras que dão origem a um filho diferente, mas que não vira cobra quando adulto (Dona C., 60 anos).
Pulga	<i>Ctenocephalides</i> spp.	<i>Tem também a pulga que também gera do sangue do cachorro e do gato</i> (Dona M. J., 53 anos).
Quiche ou quilengue	Malophaga	<i>Já o quiche ou quilengue gera do próprio sangue da galinha, da quintura e ataca mordendo as pessoas</i> (Dona M. J., 53 anos).
Tanajura	<i>Atta</i> spp.	<i>Ela também encanta. Cria asas, voa e depois caem as asas e viram formigas novamente</i> (Dona C., 60 anos).

Ainda no que se refere à construção cultural do domínio “inseto”, o modo como os indivíduos consideram o surgimento e os processos de transformação biológica pelos quais os “insetos” passam tem importância na maneira como esses organismos são percebidos e classificados. Como se observa na Tabela I, há “insetos” que se originam de vegetais, como a mosca que *nasce das próprias folhas* (Dona C., 60 anos); “insetos” que se originam de outros insetos e que podem se transformar em organismos bem diferentes, como a aratanha (um Crustacea) que resulta de ovos de borboleta; e há aqueles que se originam de elementos corporais, tal como o piolho que é gerado *do sangue do cachorro e do gato* (Dona M. J., 53 anos). Muitas vezes, os processos de biotransformação construídos culturalmente incluem o “encantamento”, no qual um ser “encanta” e se transforma em outro podendo este ser semelhante ou não ao que lhe deu origem. Por exemplo: *A baleia vive enterrada em buraquinhos na terra. Depois ela encanta e acho que vira abelha* (Dona M. J., 53 anos).

Acreditar que borboletas podem dar origem a camarões de água doce é um fenômeno que está bem arraigado na cultura local, como se observa nos trechos abaixo

As borboletas põem os ovos. Estes ovos também podem virar aratanha, que é um camarão pequeno que se pesca no rio (Dona C., 60 anos).

Aratanha são uns camarões que aparecem no rio e se come. A diferença é que o camarão é o macho e a aratanha é fêmea. A gente pegava muito antes do rio represar; pegava de mão na loca de pedra. Hoje chamam de surica. Ela vem do ovo da borboleta (Dona A., 83 anos).

No entanto, nem todos os entrevistados concordaram com essa biotransformação: *Mas acho que não vem da borboleta como o povo diz. Como, se a lagarta é a borboleta, como pode virar um peixe?* (Dona M. J., 53 anos). Nesta frase, observa-se que a aratanha, um crustáceo braquiúra, é identificada e categorizada como um “peixe”.

Este modo de classificação etnozoológica provavelmente está relacionado com o hábitat do animal e não com sua morfologia, uma vez que camarões e peixes vivem no mesmo ambiente. Ainda no que se refere à etnotaxonomia da aratanha, observa-se uma distinção nominal devido ao sexo: quando macho, chama-se camarão; quando fêmea, aratanha ou surica. Estes pequenos camarões dulcícolas são importantes para a economia local, pois são comercializados nas feiras públicas de cidades da região gerando fonte de renda para quem os comercializa.

Interessante observar que outras comunidades rurais do estado da Bahia compartilham de percepção semelhante. Para alguns moradores do povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, borboletas migram para o mar e se transformam em camarões (Costa Neto, 2004). Também acreditam que mariposas possam transforma-se em beija-flores (Trochilidae).

Outro encantamento que merece destaque refere-se à transformação do inseto localmente conhecido como graveto, garrancheiro ou louva-a-deus (Phasmida) em cobras. Talvez por semelhança morfológica e de hábitat, os moradores de Olhos d’Água frequentemente confundam esses insetos com cobras (especialmente as do gênero *Phylodrias*, Colubridae). A literatura registra que há espécies de Phasmida cujas fêmeas alcançam mais de 25 cm de comprimento (Hogue, 1993). O fato de ser comprido e ter uma cor semelhante à cobra faz desse inseto um candidato perfeito para essa crença. Além disso, há o fato de tanto um quanto o outro se mimetizarem com o substrato no qual vivem e sofrem as ecdises: *O garrancheiro parece um pedaço de pau. Vive da madeira. Vive sempre associado à madeira* (Dona M. J., 53 anos). Ainda com referência a esse inseto, registrou-se a seguinte informação: *Quando a gente vê, ele balança* (Dona M. J., 53 anos). O comportamento de se balançar com intercadência rítmica, dando a perfeita ilusão de uma haste que a brisa de leve mexe, é uma das estratégias de defesa do bicho-pau (Santos, 1982).

Tabela II. “Insetos” que causam danos à saúde e ao bem-estar físico, segundo a visão dos moradores do povoado Olhos d’Água, Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia.

“Inseto”	Efeitos sentidos	Observação dos entrevistados
Aranhas (Araneae)	Ferimentos	<i>Tem também a aranha, que tem vários tipos; algumas morde e dá ferimento crônico (Seu J. N., 36 anos).</i>
Caranguejeira (Theraphosidae)	Queimadura	<i>Ela também queima (Seu J. N., 36 anos).</i>
Lagarta-de-fogo (Lepidoptera)	Queimadura	<i>Uma vez tinha uma lagarta-de-fogo encantando no pano. Aí eu peguei no pano, ela queimou a minha mão (Dona A., 83 anos).</i>
Lagartixa-branca (<i>Hemidactylus mabouia</i>)	Cobreiro	<i>A lagartixa é um inseto que quase não prejudica, mas se encostar a pele onde ela passou pega o cobreiro, que são carocinhos que aparecem na pele. Fica grosso e coça muito. Aí as rezadeiras rezam e somem (Dona C., 60 anos).</i>
Muruim ou muriçoca (Diptera)	Mordida	<i>Muruim, que é um bicho miudinho que morde. Também se chama muriçoca (Seu T., 82 anos).</i>
Mutuca (Tabanidae)	Dentada dolorida	<i>Dá uma dentada que dói muito. Às vezes, ela vem atacar dentro de casa (Dona E., 78 anos).</i>
Papa-vento (<i>Anolis</i> sp.)	Mordida	<i>Bicho que aparece nas árvores e incha o papo quando vê alguém. Parece até querer morder (Dona A., 74 anos).</i>
Pernilongo (Diptera)	Atrapalha o sono	<i>[...]. Tem também o pernilongo, que chupa o sangue e atrapalha o sono. Ele tem as pernas grandes, igual ao mosquito da dengue (Seu T., 82 anos).</i>
Piolho (<i>Pediculus humanus capitis</i>)	Mordida	<i>Morde as pessoas (Dona A., 83 anos).</i>
Quiche (Malophaga)	Mordida	<i>Ataca mordendo as pessoas (Dona M. J., 53 anos).</i>
Vut-vut (?)	Mordida	<i>O vut-vut ataca à noite mordendo (Dona M. J., 53 anos).</i>

Também aqui se observam percepções semelhantes. No povoado de Pedra Branca, Costa Neto (2004) registrou as seguintes descrições sobre o bicho-pau: *Ele anda no pau camará, que chama louva-a-deus-de-camará* (Dona L., + 80 anos); *Ele é assim como uma cor de uma madeira, com aquelas perna assim como um graveto, todo comprido* (L., 26 anos); *Cai as pernas e vira a cobra-de-cipó*, Seu Z., 53 anos. Em Pacatuba, interior do Ceará, os habitantes crêem que insetos da família Proscopiidae (ordem Orthoptera) se originam dos ramos do cafeeiro ou da árvore-sabiá (Torres 2000).

Muitos povos acreditam que animais de uma dada espécie, sob certas circunstâncias, podem mudar para animais de uma outra espécie. Tais crenças são importantes porque afetam o modo como os indivíduos percebem e classificam as relações entre diferentes categorias de animais (Ellen, 1985). As expressões isomórficas de relacionamento, tais como “parecer-se com” e “é um tipo de”, denotam semelhança classificatória entre os elementos que se comparam. Desse modo, em estudos de classificação etnozoológica há de se levar em conta a etnoontogenia e os processos de biotransformação, os quais resultam significativos na formação e estruturação das categorias cognitivas (Costa Neto, 2004).

As injúrias mecânicas (artropodoses) causadas pelos “insetos”

Uma vez que a expressão “inseto” freqüentemente está associada à imagem de animais venenosos, que têm aparência desagradável e que provocam reações de nojo, para alguns entrevistados a simples menção do termo trazia à mente a lembrança de já terem sido ofendidos por um dos animais incluídos na etnocatégoria “inseto”. A Tabela II traz os tipos de “insetos” que causam transtornos aos moradores da comunidade de Olhos d’Água, os efeitos sentidos e as observações dos entrevistados.

Considerada como “inseto”, a lagartixa-branca (*Hemidactylus mabouia*) é acusada de causar uma doença localmente diagnosticada como cobreiro, cujos sintomas são pequenos caroços que surgem na pele acompanhados de coceira. Na realidade, trata-se de uma erupção cutânea conhecida como herpes-zoster. Na medicina popular local, a lagartixa serve de remédio contra o sarampo. O remédio é preparado da seguinte forma: tira-se a pele, cozinha-se a carne e dá-se para o enfermo comer.

O inseto conhecido como vut-vut não pôde ser identificado devido à falta de descrição mais detalhada a seu respeito. Apenas se registrou que ele se parece com um mosquitinho branco.

Com relação aos acidentes provocados por aranhas, os entrevistados citaram queimaduras e ferimentos crônicos como efeitos da “mordida”. Ao falarem a respeito das aranhas, especialmente sobre a caranguejeira (Theraphosidae), eles descreveram a importância do cavalo-do-cão (Hymenoptera, Pompilidae) como um agente controlador das populações desses artrópodes, como se observa no trecho a seguir: *O único bicho que eu saiba que come a aranha é o cavalo-do-cão. Esse faz justiça ao nome. Ele é um besouro preto que tem asa. O preto tem uma pinta branca na asa. Se não fosse o cavalo-do-cão, a aranha já teria tomado conta de tudo. A aranha vive enterrada num buraco. O cavalo-do-cão vai lá e pega ela* (Seu J. N., 36 anos). A literatura registra que para cada espécie de Pompilidae existe uma espécie determinada de aranha, visto que a peçonha parece ser relativamente específica (Chapman 1998), assim como há métodos especiais de caça para cada tipo de aranha (Santos 1985). Ao eclodir, a larva encontra alimento fresco e em quantidade suficiente para o seu completo desenvolvimento, sendo esta quantidade representada sempre por uma única aranha para cada larva (Carrera, 1980).

Tabela III. Pragas que causam danos aos cultivos e frutíferas plantados na área do povoado de Olhos d'Água, Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia

"Inseto"	Cultura danificada	Observação dos entrevistados
Arapuá (<i>Trigona spinipes</i>)	Laranja	Foi dito que o inseto perturba as floras da laranjeira.
Cigarra (Cicadidae)	Licuri	<i>Ela gosta de ficar no pé do licuri. Quando isso acontece os frutos apodrecem, dá bicho</i> (Dona A., 74 anos).
Formiga-raspadeira (<i>Atta</i> spp.)	Mandioca	<i>A formiga-raspadeira ataca a mandioca</i> (Dona M. J., 53 anos).
Gafanhoto (Acrididae)	...	<i>Quando tem os gafanhotos, come tudo. Só deixam os talos</i> (C., 17 anos).
Lagartas (Lepidoptera)	Mandioca, milho	<i>As lagartas normalmente aparecem no tempo quente, comendo a lavoura e se espalhando rapidamente e depois desaparecem</i> (C., 17 anos).
Paquinha (Gryllotalpidae)	...	<i>Outro bicho que atrapalha a lavoura é a paquinha, bicho que parece um grilo pequeno e vive enterrado por baixo da terra. Aí ele dá na planta e come o tutano. Ela atrapalha a germinação por atacar as sementes</i> (C., 17 anos).
Serrador ou barata-de-madeira (Cerambycidae)	Cajueiro	<i>O serrador é um bicho parecido com a barata, só que maior e que come madeira. Serra os cajueiros. Aparece muito no mês de outubro</i> (Dona M. J., 53 anos).
Soldadinho-de-chumbo (Acrididae)	Coqueiro	<i>No coqueiro tem muito, um monte</i> (Dona C., 60 anos).

Sobre a lagarta-de-fogo, como é conhecida a larva de lepidópteros urticantes, foi dito que ela *dá uma queimadura que arde muito e dá até inflamação* (Seu J. N., 36 anos). Há quem acredite que as lagartas multiplicam-se através de ovos: *A lagarta-de-fogo, antes de morrer, bota ovos de onde nascem mais lagartas* (Seu J. N., 36 anos). Os indivíduos tratam da queimadura causada pelo contato com os pêlos urticantes utilizando *o fato da própria lagarta, que se passa no local da queimadura. Foi meu pai quem me ensinou e eu ensinei aos meus filhos* (Dona A., 83 anos).

Dá-se o nome de erucismo aos acidentes com lagartas. O erucismo pode ser direto, quando os danos são provocados pelo contato com as lagartas, e indireto, quando o contato é com os casulos envolvidos com os pêlos urticantes (Carrera, 1991). A peçonha que transportam é imediatamente inoculada na pele, produzindo uma reação que varia de um eritema passageiro, como o de uma queimadura ligeira, a lesões mais extensas, com formações de pápulas ou vesículas e fenômenos gerais, como náuseas, reação ganglionar e febre (Costa Lima 1945 *apud* Santos, 1985).

Insetos Considerados Pragas

Pelo menos 8 tipos de insetos foram considerados como pragas dos cultivos e frutíferas locais (Tabela III). O termo praga está sendo empregado de modo amplo para incluir qualquer inseto que interfere no sistema agrícola dos moradores de Olhos d'Água, independente de sua densidade populacional.

Ao ver a fotografia do vespídeo *Polybia paulista*, uma moradora o identificou como sendo como arapuá (*Trigona spinipes*, Meliponinae), dizendo que ele perturba as flores das laranjeiras e fabrica um mel que as crianças consomem quando abrem o ninho. Sabe-se que essa espécie de abelha sem ferrão ataca as inflorescências e os frutos de certas árvores à procura de substâncias resinosas e de fibras usadas na construção dos ninhos (Monteiro, 1997).

Os entrevistados disseram que a cigarra (Cicadidae), quando pousa no licurizeiro (*Syagrus coronata*), causa o aparecimento de "bichos" nos frutos. Na literatura nada

consta sobre cicadídeos provocarem o apodrecimento dos frutos de *Syagrus* spp. nem o surgimento de "bichos". Ainda sobre a cigarra, registrou-se o seguinte aspecto de sua etnobiologia: *A cigarra aparece no verão. Ela canta até estourar* (Dona A., 74 anos). Na realidade, as cigarras surgem nos meses mais quentes do ano porque a temperatura é um parâmetro ambiental importante na regulação da produção de som e, conseqüentemente, na reprodução (Sanborn & Maté, 2000). Sobre a crença de que esses insetos estouram pelas costas, há a seguinte explicação:

Após a eclosão, surgem as formas jovens que penetram no solo. Terminado o período ninfal, abandonam as raízes e, por orifícios circulares, saem do solo, fixando-se, em seguida, no tronco das plantas durante algum tempo (ninfá imóvel). Em seguida, rompe-se o tegumento na região dorsal do tórax e emergem os adultos, deixando a exúvia (Parra *et al.*, 1992).

Foi dito que as lagartas atacam bastante as plantações de mandioca, mas não é todo ano que elas aparecem: *As lagartas aparecem após as chuvas de março, depois do verão. Aí com o tempo quente, depois vem a chuva. Aí aquilo fermenta com o calor da terra; daí gera a lagarta, que se espalha rapidamente pela roça e depois encanta. Lá para os meses de abril a junho aparecem as borboletas, que novamente põe ovos, fazendo novas lagartas* (Dona A., 74 anos). Embora não tenha sido coletada, a lagarta citada muito provavelmente corresponde à espécie *Erinnyis ello*, uma mariposa da família Sphingidae cuja pupa desenvolve-se no solo. Batista *et al.* (1992) registram que essa praga tem ocorrência irregular, aparecendo em altas infestações em certos anos e quase não ocorrendo em outros. De acordo com esses autores, as lagartas atacam principalmente as folhas mais novas e quando ocorrem infestações pesadas, desfolham totalmente as plantas e mesmo os ramos mais finos.

Segundo a opinião dos moradores entrevistados, existe um pássaro conhecido como lagarteiro que apresenta um comportamento bastante inusitado: aparentemente, o seu canto atrai as lagartas que ele consome. A descrição fornecida diz que o lagarteiro é parecido com o bem-te-vi

(pássaro da família Tyrannidae), pequeno, cinza, gordinho, possui um canto longo, um bico grande e fino e *que canta parecendo um peru* (Dona M. J., 53 anos). Essa informante não soube explicar se o pássaro tem esse nome porque come lagartas ou porque canta para as lagartas aparecerem. Em um outro momento, ela também disse: *Só o pássaro lagarteiro come a lagarta-de-fogo, pois ela dá uma queimadura e os outros bichos não comem*. Outras opiniões a respeito do pássaro são: *Não vejo. Eu só escuto ele cantar. Ele aparece e quando começa a cantar, aparecem as lagartas e aí ele come as lagartas que dão na mandioca e no capim* (Dona A., 83 anos); *É um que canta quando as lagartas estão para surgir. Ele chama as lagartas* (Dona C., 60 anos).

Infelizmente, a taxonomia dessa ave não pôde ser determinada porque não foi coletado um espécime para identificação. Todavia, do ponto de vista da etnozootologia, o suposto fenômeno da atração de lagartas pelo canto do pássaro lagarteiro merece ser estudado, pois quem sabe se novos conhecimentos biológicos a respeito da interação aves/insetos não estariam sendo codificados nessa informação?

O uso de inseticidas é uma constante na prática agrícola local. Apenas um entrevistado disse que utiliza urina de boi ou de vaca para controlar as pragas. Esperavam-se encontrar intervenções místico-religiosas relacionadas com o controle das pragas, assim como ocorre em outras comunidades rurais (DCO Lima, 2000). Talvez um estudo mais aprofundado possa revelar a existência de preces com fins fitossanitários.

Além dos insetos considerados pragas, há também o grilo (Gryllidae) que *possui um canto forte que atrapalha as pessoas. Eles também entram em casa, comem roupas, sofá e deixam um odor horrível* (Seu J. N., 36 anos). Cupins e formigas também entram dentro das residências. Os moradores combatem esses insetos com o uso indiscriminado de inseticidas e aparentemente não se preocupam com o meio ambiente, nem com a própria saúde.

Interpretação semiótica atribuída ao aparecimento de insetos

Alguns entrevistados acreditam que a presença de uma esperança (Orthoptera, Tettigoniidae) verde dentro de casa pode trazer sorte e também quando pousa sobre uma pessoa: *A esperança é um bichinho verde que voa e, ao contrário dos outros, traz sorte quando pousa em uma pessoa* (Dona E., 78 anos). Por outro lado, a presença de uma esperança seca traz azar ou o aviso de acontecimento funéreo: *O povo diz que ela traz aviso de morte. Quando ela aparece, no outro dia morre uma pessoa* (J., 18 anos).

Outras culturas vêm as esperanças de maneira semelhante. Em Pedra Branca, elas são tidas como boas ou más mensageiras dependendo da etnoespécie que é considerada. Por exemplo, a esperança-do-olho-verde é um bom sinal, enquanto que a esperança-do-olho-preto e a esperança-do-olho-brilhoso são tidas como um mau sinal (Costa Neto, 2003). Os moradores do povoado de Marituba do Peixe, no baixo São Francisco alagoano, interpretam o aparecimento de uma esperança-da-boca-branca dentro de

casa como indicação de um visitante que irá chegar; já a esperança-da-boca-preta sinaliza algo ruim que vai acontecer (Costa Neto, 2000b). Em Capueirucu, no recôncavo baiano, o aparecimento de esperanças é considerado como algo ditoso, uma vez que esses insetos trazem boa sorte: *Quando uma esperança senta em mim eu me assusto, mas não tiro ela de mim. Assim minha sorte vai embora* (KLG Lima, 2000).

Insetos nas atividades lúdicas

Quanto ao uso de insetos como objetos de entretenimento, os entrevistados citaram: bule-bules (pupas de lepidópteros, especialmente os da família Sphingidae), cigarras, borboletas e tanajuras. Essas atividades são transmitidas transgeracionalmente e foram lembradas com nostalgia pelos indivíduos das gerações mais velhas:

Brincava amarrando um cordão para ela voar (Dona A., 83 anos, referindo-se à cigarra).

Quando era criança enfiava palitos para ela rodar (Dona M. J., 53 anos).

Os meninos até brincam com as tanajuras, colocando palitos no fundo da tanajura para ela tentar voar e ficar rodando (Dona M. J., 53 anos).

Em geral, as crianças pegam os insetos e os amarram pela “cintura” (na divisão entre o tórax e o abdome) com um barbante fino, mas resistente. Já as pupas de Sphingidae, quando encontradas, são utilizadas em uma brincadeira de adivinhação para localizar um determinado lugar ou para saber o paradeiro de determinada pessoa, fazendo-lhes perguntas enquanto são mantidas entre os dedos: *Bule-bule, onde ele mora? E ele aponta. Aqui na região tinha mais. Hoje é pouco. Só aparece vez em quando* (Dona A., 83 anos). Em algumas localidades do Brasil, a pupa é explicitamente conhecida como adivinhão (Lenko & Papavero, 1996). No Japão, a expressão “Dottchi, dottchi” é gritada em uma brincadeira semelhante com uma pupa. **Dottchi** significa “Qual é a direção?” (Nonaka, 1996).

Conclusão

Pode-se concluir que os insetos (categoria lineana) participam ativamente da vida sociocultural dos moradores do povoado de Olhos d'Água em diferentes contextos culturais. Por outro lado, os resultados reforçam a tese de que a categoria etnozoológica “inseto” é construída culturalmente, uma vez que insetos, artrópodes correlatos e outros grupos animais não sistematicamente relacionados geralmente são percebidos e classificados de acordo com sentimentos ambíguos, os quais vão de uma atitude mais positiva (conservadora) a uma atitude negativa (destrutiva). A hipótese da ambivalência entomoprojetiva sai, portanto, reforçada.

Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os moradores que participaram do estudo.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, E. N. 1996. *Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment*. Oxford: Oxford University Press.
- BAHIA. 2004. Disponível em <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em 10 de julho de 2004.
- BATISTA, G. C. DE, R. A. ZUCCHI & J. B. VENDROMIN 1992. Pragas da mandioca, fumo, girassol e batata doce. In: *Curso de entomologia aplicado à agricultura: manual de curso à distância*. Piracicaba: FEALQ. pp. 411-440.
- BERLIN, B. 1992. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. New Jersey: Princeton University Press.
- BORROR, J. D. & M. D. DELONG 1969. *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda.
- CARRERA, M. 1980. *Entomologia para você*. São Paulo: Nobel.
- CARRERA, M. 1991. *Insetos de interesse médico e veterinário*. Curitiba: Editora da UFPR.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO 1994. *Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul*. Salvador : Governo do Estado.
- CHAPMAN, R. F. 1998. *The insects: structure and function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTA NETO, E. M. 1997. Etnotaxonomia zoológica do grupo indígena Pankararé do Raso da Catarina, Bahia. In: *Encontro de Zoologia do Nordeste*, 11. Fortaleza. Resumos. Fortaleza: UFC/Sociedade Nordestina de Zoologia p. 126.
- COSTA NETO, E. M. 1999. A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biológica Leopoldensia*, **21**(1): 7-14.
- COSTA NETO, E. M. 2000a. The significance of the category ‘insect’ for folk biological classification systems. *Journal of Ecological Anthropology*, **4**: 70-75.
- COSTA NETO, E. M. 2000b. *Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos*. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO, E. M. 2002. *Manual de Etnoentomología*. M & T - Manuales & Tesis SEA, **4**: 1-104.
- COSTA NETO, E. M. 2003. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- COSTA NETO, E. M. 2004. Biotransformações de insetos no povoado de Pedra Branca, estado da Bahia, Brasil. *Interciencia*, **29**(5): 1-4.
- COSTA NETO, E. M. & P. D. de CARVALHO 2000. Percepção dos insetos pelos graduandos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. *Acta Scientiarum*, **22**(2): 423-428.
- ELLEN, R. F. 1985. Species transformation and the expression of resemblance in Nuaulu ethnobiology. *Ethnos*, **1**(2): 5-14.
- ERWIN, T. L. 1997. A copa da floresta tropical: o coração da diversidade biológica. In: E. O. Wilson (Ed.). *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 158-165.
- GOWDY, J. 1999. Economic concepts of sustainability: relocating economic activity within society and environment. In: E. Becker & T. Jahn (eds.). *Sustainability and the social sciences: a cross-disciplinary approach to integrating environmental considerations into theoretical reorientation*. Londres: Zed Books. pp. 162-181.
- HOGUE, C. L. 1993. *Latin American and entomology*. Berkeley: University of California Press.
- HOYT, E. & T. SCHULTZ 1999. *Insect lives: stories of mystery and romance from a hidden world*. New York: John Wiley and Sons.
- KUDO, R. & D. MACER 1999. Relationships towards animals in Japan. *Eubios Journal of Asian and International Bioethics*, **9**: 135-137.
- LENKO, K. & N. PAPAVERO 1996. *Insetos no Folclore*. São Paulo: Plêiade/ FAPESP.
- LIMA, D. C. O. 2000. *Conhecimentos e práticas populares envolvendo insetos na região em torno da Usina Hidrelétrica de Xingó (Sergipe e Alagoas)*. Monografia (Bacharelado de Ciências Biológicas). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- LIMA, K. L. G. 2000. *Etnoentomologia no recôncavo baiano: um estudo de caso no povoado de Capueiruçu, Cachoeira*. Monografia (Especialização em Entomologia). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.
- MARQUES, J. G. W. 1991. *Aspectos ecológicos na etnoictologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. Tese (Doutorado em Ecologia). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- MERTINS, J. W. 1986. Arthropods on the screen. *Bulletin of the Entomological Society of America*, **32**: 85-90.
- MONTEIRO, W. R. 2000. Meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão): a mandaçaia. *Mensagem Doce*, **57**: 15-17.
- NONAKA, K. 1996. Ethnoentomology of the Central Kalahari San. *African Study Monographs*, Kyoto, **22**: 29-46. Suplemento.
- PARRA, J. R. P., G. C. BATISTA & R. A. ZUCCHI 1992. Pragas do cafeeiro. In: *Curso de entomologia aplicado à agricultura: manual de curso à distância*. Piracicaba: FEALQ. pp. 355-386.
- POSEY, D. A. 1987. Temas e inquirições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses. *Boletim do Museu Paraense Emilio Góeldi*, **3**(2): 99-134. Série Antropologia.
- RAMOS-ELORDUY, J. 1994. ¿Usted ya probó los insectos comestibles? *UNAM hoy*, **3**(12): 61-66.
- REVEL, N. 1990. *Fleurs de paroles: histoire naturelle Palawan I: lens dons de Nāgsalad*. Paris: Editions Peeters-Selaf.
- SANBORN, A. F. & S. MATÉ 2000. Thermoregulation and the effect of body temperature on call temporal parameters in the cicada *Diceroprocta olympusa* (Homoptera: Cicadidae). *Comparative Biochemical & Physiology*, **125**: 141-148.
- SANTOS, E. 1982. *Os insetos (vida e costumes)*. Belo Horizonte: Itatiaia. (Coleção Zoologia Brasileira, 9).
- SANTOS, E. 1985. *Os insetos*. Belo Horizonte: Itatiaia. (Coleção Zoologia Brasileira, 10).
- SOUTHWOOD, T. R. E. 1977. Entomology and mankind. *American Scientist*, **65**: 30-39.
- TORRES G. R. 2000. Ethnozoology and sustainable development in the environmental protection area (EPA) of the Aratanha Mountains in Pacatuba, Ceará - Brasil. In: *International congress and exhibition on ecotourism*, 2. Rio de Janeiro: Biosfera. pp. 175-176.
- WILSON, E. O. 1993. Biophilia and the conservation ethic. In: S. R. KELLERT. & E. O. WILSON (eds.). *The biophilia hypothesis*. Washington, D.C.: Island Press. pp. 31-41